

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA
TERRA DA FRATERNIDADE
54 recados para José Afonso



EXPOSIÇÃO
Palácio de São Bento
Andar Nobre
5 de junho a 27 de setembro de 2024



TERRA DA FRATERNIDADE

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

54 recados para José Afonso

Amigo, Fraternidade, Liberdade,
são três palavras, das mais preciosas, cujo valor
parece correr risco, sujeitas como estão a enorme desgaste
da banalização, da erosão, do esquecimento.

Cientes desse perigo, queremos resguardá-las
como se tratasse de um segredo. Já muitos
as trazem em surdina e meio ocultas.
Assim privadas da claridade, vão-se
desvanecendo nas múltiplas imagens que
cada um tece a seu propósito. Cada vez que
as evocamos é quando nos apercebemos como
estão desbotadas, como vão perdendo nitidez,
tal como as velhas fotografias que guardamos
nos álbuns ou nas gavetas.

Tomo, por exemplo, a palavra liberdade.
Em mim, quando ecoa, faz surgir uma
paisagem abstrata, desfocada, que flutua
e balança num vaivém suave tal como
as nuvens ou searas ao vento. Como tantos
de nós, aprendi a saborear essa palavra mágica
desde a manhã cristalina. Mas o tempo
dilui tudo. Muitos já quase esqueceram
o mundo cinzento e o medo de onde
renascemos.

Outros, os mais novos, pouco sabem do que
falamos. Nessa inesquecível madrugada,
os heróis de Abril removeram o alçapão que
nos soterrava, fazendo despertar a palavra
aprisionada para a claridade.

Quando ela emerge, aparece gravada sobre um
velho pano de fundo numa atmosfera atemporal
de silêncios, inquietações e aventuras. Dessa
amálgama nublada, entre fragmentos de ruídos,

cores, vozes, poemas, música, surge sempre
o Zeca, de cujas cantigas nos alimentávamos
nesses subterrâneos descoloridos de onde
viemos.

Foi na Trafaria que conheci o José Afonso,
quando, generosamente, participou nos ciclos
de cultura que organizámos de 1976 a 1981
no Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria
(GITT), o meu primeiro teatro.

Anos depois, já como professor nas Belas-
-Artes, organizei um primeiro espetáculo
de fim de curso, em 1983, no Teatro São Luiz,
e convidei o Zeca. Com muita dificuldade,
a terrível doença avançava, veio de Azeitão
ver o seu *Canarinho* coreografado e dançado
pela Olga Roriz e Gagik Ismailian. Poucos
meses depois, já em 1984, tivemo-lo no
Teatro na Caixa, na antiga Fábrica de Cerâmica
Lusitânia, no Arco do Cego, certamente
atraído pela poesia de Yannis Ritsos na
Sonata encenada pelo Paulo Filipe
e interpretada pela Maria Emilia Castanheira
– acabámos em nossa casa, na Costa de
Caparica, noite fora, onde, sempre apoiado
pela Zélia, nos confessou episódios recentes
de como estava a ser vítima da insensatez e da
ingratidão por instâncias políticas e académicas,
insensíveis e indiferentes à sua progressiva
incapacidade.



E nós dois ali incrédulos perante o que ouvíamos! Fascinados por o ter em nossa casa, mas estupefactos pelo que estava a acontecer a um símbolo vivo do nosso Abril. Como foi possível? A sua música, poesia e voz são uma matriz da nossa liberdade e integram sempre o perfume dessa palavra maior. Passaram 50 anos, passaram muito depressa. Ao longo deste tempo senti, basta vezes, que a palavra essencial parecia vacilar. Aquela que tanto custou a conquistar, a LIBERDADE. E, quando me vejo nessas inquietações, pela névoa da mente, lá vem ele, sempre, o Zeca em contraluz, determinado, a dizer-nos “TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM”. Foram esses instantâneos, mistura de extraordinárias cantigas com acontecimentos, que num gesto intuitivo me conduziram ao impulso de pintar estas aguarelas. Na onda desse estímulo, o meu pensamento foi também para Grândola, para Setúbal, mas também para o Fanhais e para o José Mário Branco, o Sérgio Godinho, o Luís Cília, entre outros. Cinquenta e quatro recados para o Zeca, pintados num gesto espontâneo de gratidão e admiração – há muitos anos guardados – que, seguindo uma ideia de Catarina Romão Gonçalves, vão habitar a CASA DA DEMOCRACIA.

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

Cenógrafo, arquiteto, pintor, professor. Doutorado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Consagrado internacionalmente após o Centro Georges Pompidou lhe dedicar uma retrospectiva (1993), cruzou-se com grandes mestres como Georges Banu, José Triana, Fernando Arrabal, Jersy Grotowski, Guy-Claude François, Yannis Kokkos, Jorge Dubatti, Juan Mayorga, Luc Boucris, Ricard Salvat, José Luis Gomez, Aderbal Freire-Filho ou José Sanchis Sinisterra. Realizou mais de 300 cenografias em vários países. A par das criações, dirigiu também ações de formação e investigação na Argentina, Alemanha, Bélgica, Brasil, Croácia, Cuba, Espanha, Grécia, França, Hungria, Inglaterra, Itália, México, República Checa e Suíça. Integrou o júri da Quadrienal de Praga (1995) e a curadoria da representação portuguesa (2015). Em 2017 integra os júris de doutoramento em Estudos Teatrais da Sorbonne Nouvelle/Paris e em 2021 preside ao júri do Festival Internacional de Almagro (Espanha). Recebeu vários prémios, nomeações e distinções nacionais e internacionais. Em 2022 é a personalidade do ano homenageada pelo Festival Internacional de Teatro de Almada e em 2013 recebe a Medalha de Ouro – mérito cultural cidade de Almada. Fez a cenografia para o filme *Vai e Vem* de João César Monteiro (2002). É membro da Real Academia de Belas Artes e também da Academia de Artes Cénicas de Espanha. A coleção, agora presente, *Terra da Fraternidade*, surge na sequência de alguns projetos em cenografia ou pintura, que resultaram de diálogos que estabeleceu com a poesia de Luís Cernuda, Alberto Pimenta, Fernando Pessoa, Yannis Ritsos, Yvette Centeno, José Guardado Moreira, Jorge Fazenda Lourenço, Jorge de Sena, António Salvado, Fernando Tordo e Sor Ana de la Trinidad.

Sei dos cravos vermelhos

Aldina Duarte, fadista

Sei dos cravos vermelhos que cabem de pé
em todos os cantos nascidos do silêncio:
nos sorrisos gravados em lábios vermelhos
das mulheres e homens que se beijam sem
medo; nos braços que não se cansam de
abraçar; nas mãos envelhecidas procuradas
por todas as crianças; no encontro dos sexos
consagrados pela felicidade; nas pétalas
mordiscadas pelo embaraço do encontro
de tantas dores e alegrias.

A voz da água, Zeca, que dilui na tela
as cores do pintor alado, José, eternos
enamorados pela liberdade sem fim.



Como se fossem pássaros

Alice Brito, escritora, advogada

(...) Talvez fraternidade seja uma palavra
de ouro na obra de José Afonso.
Encontramo-la também nesta exposição
que agora olhamos, tentando ler, adivinhar
na sua profundidade e complexa simplicidade,
os sentidos variados que as imagens contêm.
Cada verso, um tom, um perfil, uma imagem
ou traço. Cada melodia uma emoção
superlativamente composta, cantada, escrita,
ouvida e aqui pintada 54 vezes. O seu autor,
que agora expõe e se expõe, tem nesta mostra
parte da sua alma, a que o engenho e arte se
alian. Produz nestas pinturas microcenários
do grande teatro de um tempo que é imperioso
ser contado. É, pois, cúmplice na tarefa ingente
do resgate de uma época que comparece
a cobrar o seu papel na História coletiva.
(...)

Recuperando a minha memória

Eric Nepomuceno (Rio de Janeiro), escritor, jornalista

(...) em abril de 1974 eu tinha vinte e cinco
anos e vivia exilado em Buenos Aires.
E pouco depois das dez da manhã portenha
daquela quinta-feira, dia 25, recebo um
telefonema de meu fraterno amigo Eduardo
Galeano, o imenso escritor uruguai que
também vivia exilado na cidade, o autor de
O livro dos abraços, da trilogia *Memória
do fogo* e de *As veias abertas da América
Latina*. Ele estava aflito ao telefone, e disse:
«Chego em vinte minutos.» Chegou em quinze.
Mal entrou, pediu que eu ligasse a televisão,
coisa que não havia na casa dele. A Argentina
vivia dias de tensão máxima, achei que alguma
coisa grave estaria acontecendo. Que nada:
era a Revolução dos Cravos. Um alento para
as nossas almas de exilados ainda jovens,
uma explosão de esperança. Se Portugal
tinha conhecido o fim de tempos de breu,
de crueldade, quem sabe algum dia chegaria
a vez no Uruguai e no Brasil, nossos países?
Nunca mais *Grândola vila morena* saiu da
minha memória e da minha vida. A canção
e a Revolução dos Cravos formam um só fato,
uma só memória. E hoje, passado meio século,
ouço a canção e torno a ser jovem.
Vejo os quadros do Castanheira recuperando
a minha memória. Vejo tudo e me sinto
acalentado. Na minha próxima ida a Portugal,
vou até Grândola.



Uma canção do Zeca no jardim do Paço

Fernando Alves, jornalista

(...) Toda a seara é um guache teu. 'Lá vai uma, lá vão duas / Três pombas a descansar'. Ei-las pousadas, aos pés de Eunice, três barcos voadores no céu de *As troianas*. 'Cobre-te, canalha, na mortalha'.

Que te distinguirá do insigne cadáver impronunciável, no palco de *Los enfermos*? Eis o mesmo fino e absoluto traço, o ínfimo colosso, toupeira esburacando a *Longa jornada para a noite*. Eu vou ver como a toupeira, porque no esplendor da luz mais baça dás-me uma cenografia de estrelas. Eu vou ser a toupeira-nariz-de-estrela, porque do prodígio do teu traço se rasgam cortinas sobre a boca de cena e casas maiores que a minha arte de as habitar, e porque a tua têmpera canta uma *Cantiga do monte*. Reconheço-me nestas formas com que nos trazes farrapos de canções como me reconheço nos teus formidáveis esquiços com gente dentro quando se apaga a luz da sala.

Caro José Manuel Castanheira: Sempre que vou ao jardim do Paço, para onde convergem todos os caminhos, na tua cidade, demoro-me na escadaria dos reis e em dois ou três versos de António Salvado e no Paraíso que inventaste para os guardar com a discreta elegância de um tratador de buxo. Doravante, ecoará, nessas visitas, a toada de uma qualquer canção do Zeca. Com estas cores tuas. É tanto o que te devemos. (...)



Amigo maior que o pensamento

Guadalupe Magalhães Portelinha,
vice-presidente da Associação José Afonso

(...) José Manuel Castanheira deixou-se agarrar pela beleza, qualidade e também pelas mensagens que irradiam da obra de Zeca e realizou um trabalho notável de interpretação plástica, com extrema delicadeza e talento, proporcionando-nos enorme prazer visual, nesta belíssima junção de música, poesia e pintura. Com estas magníficas pinturas, José Manuel Castanheira exprime com muita delicadeza e com enorme respeito a pertinência e beleza das palavras retiradas dos poemas de José Afonso e dá-lhes luminosidade, utilizando cores discretas, não impositivas, desenhando figuras representativas de mensagens vindas do fundo do tempo e que com ele, com os seus pincéis e mistura de pigmentos milagrosos, ganharam novas vidas. Perante esta feliz mostra, observa-se com mais certezas como a canção, em Zeca, surge de uma partilha em que as palavras gostam de si mesmas e transportam dentro delas uma musicalidade e pulsação naturais, enquanto a música, por sua vez, desperta as palavras que estão adormecidas nela. «São matérias-primas partilhadas», como dizia George Steiner. (...)

O Zeca faz-me muita falta

Luís Cília, músico

(...) Conhecemo-nos pessoalmente, creio que em 1970, quando ele foi cantar a Paris. Houve logo uma grande empatia entre nós e tornámos-nos amigos para sempre. Quando o visitei, em Azeitão, vendo a terrível doença, mal cheguei ao carro para regressar a Lisboa, chorei convulsivamente perante a injustiça da doença que tirava o Zeca do nosso convívio. Os anos passaram e a sua música e poesia não sofreram uma ruga. Mantêm-se com a força e qualidade de sempre. Apanágio dos grandes criadores... O ZECA FAZ-ME MUITA FALTA.

(dias depois)

Castanheira, estive a rever as pinturas. Gosto muito deste teu trabalho sobre o Zeca. Para além da admiração, não sei o que mais dizer. És um mestre. Um abraço amigo. Luís



O caminho entre o branco e o negro

José Pacheco Pereira, professor, cronista, político

(...) Nas suas representações pictóricas de Zeca Afonso, José Manuel Castanheira mostra o universo do cantor quer nos mais luminosos, quer nos mais obscuros versos, porque o Zeca não era de simplificações. Ele sabia muito bem que nada é a preto e branco, e sabia também que essa perplexidade fundamental da vida não podia bloquear a ação. Claro que há a 'terra morena', as ceifeiras, o Alentejo, o 'traz outro amigo também', a iconografia clássica da oposição. E claro que há o amor como intenção ou realidade, sempre o elemento que escapa a tudo. Mas há também o outro lado, aquele em que Castanheira é mais certeiro e criativo, até porque esse lado é menos conhecido em Zeca Afonso, aquele em que os dias negros da ditadura passam dos campos e da rua, para dentro, onde a escuridão de fora passa a negrura de dentro. Aquele em que a miséria, a opressão, a dureza do trabalho quotidiano, representa um 'mau viver'. Para um laico que não acredita em qualquer prémio ou reparação do sofrimento terrestre no Além, viver mal é sempre terrível. Veja-se a ilustração de Castanheira sobre o verso 'Há quem viva / Sem dar por nada' da *Mulher da erva*, traduzindo em imagem dessas vidas que passam sem destino e acima de tudo com enorme esforço e sem alegria, sem 'manhã'. O mesmo para 'ninguém responde a ninguém' do *Rio largo de profundis* que Castanheira representa como um círculo negro à nossa volta. O 'trilho do silêncio' é 'vasto' e não é líquido que esse silêncio seja habitado a não ser pelo 'medo'. Castanheira valoriza sempre essa perplexidade e por isso este Zeca Afonso é menos habitual, menos comum, e isso é um grande mérito destas imagens. (...)

Terra da Fraternidade

José Pedro Castanheira, jornalista

Acontece certamente a todos: há manhãs em que uma pessoa acorda com uma música no ouvido, que teima em nos acompanhar, sabe-se lá porquê, durante o dia todo.

Umas vezes, persiste, insiste e perdura dias a fio algures numa zona nebulosa do cérebro. Outras, desaparece num ápice, como que por magia, e, na manhã seguinte, por mais esforços que se faça, não volta a aparecer – sumiu-se pura e simplesmente, não deixando traços, nem pistas, nem sombra de memória.

Pois desde que o José Manuel Castanheira me convidou para deixar o meu testemunho neste catálogo que certas músicas de José Afonso não me largam. A razão profunda, deixo-a aos psiquiatras, neurologistas ou outros estudiosos do cérebro, que acredito serem mais capazes de encontrar uma relação que associe a causa ao efeito. Não sendo propriamente um músico, muito menos um *expert* da obra de José Afonso – que nunca fui capaz de referir como “o Zeca”, como muitos fazem questão de o mencionar, ostentando alguma familiaridade –, mas tão só um melómano amador, conheço quase toda a sua obra, mais em termos melódicos que nas respetivas letras, que a memória é seletiva, e com o avançar da idade mais exigente se torna.

(...) Habitado a ver a criatividade e a expressividade do José Manuel naqueles dois tipos de suportes, jamais o imaginaria a atrever-se a fazer pequenas aguarelas, a maioria das quais com a dimensão de um postal ilustrado. Espanto absoluto – e um regalo para a vista, que é em simultâneo um encantamento para o melómano.

E se me é permitida uma escolha, eu faria duas: as números 40 (‘Dei-lhe uma rosa encarnada / Para de mim se prender’) e 5 (‘As andorinhas não param / Umas voltam outras não’), ambas em torno da mesma canção, *Cantigas do maio*, do álbum com o mesmo nome, de 1971, talvez aquele que, volvidos 53 anos, ainda mais vezes me zumbe ao ouvido ao acordar (...)

Um ‘encontro’ feliz

José Carlos Vasconcelos, jornalista, escritor

É decerto inesperado, surpreendente, este ‘encontro’ de versos de “cantigas”, como ele lhes chamava, do fantástico criador, autor/compositor/cantor José Afonso, com os traços e as cores das pinturas do raro criador, pintor/arquiteto/cenógrafo José Manuel Castanheira. Encontro inesperado, surpreendente – mas muito feliz!

Castanheira caracteriza-se nomeadamente pelo rigor do seu trabalho nas diversas disciplinas artísticas que pratica. Só que o seu exigente rigor tem na base uma fértil imaginação – e a fecunda junção ou fusão das duas coisas contribui decisivamente para a alta qualidade de tudo o que faz. Como é agora o caso.

Caso em que a imaginação do artista está desde logo em ter-se lembrado de escolher para tema ou pretexto das 54 pinturas, em têmpera e pastel, aqui expostas, versos de José Afonso para músicas de sua autoria que cantava. E está, depois, na forma como recria, na sua linguagem específica de pintor, esses versos ou fragmentos de letras. Sem esquecer, sem lhe sair do ouvido, creio eu ao olhar para estes trabalhos, a música das ditas cantigas; e mesmo a sua contextualização, o seu sentido mais profundo.

(...) Na recriação por José Manuel Castanheira das palavras do inigualável cantautor – que com inteira justiça se tornou um dos símbolos maiores do 25 de Abril, da revolução libertadora de que agora celebramos os 50 anos – está sempre presente a qualidade do pintor. Mas não menos a do grande cenógrafo, de reconhecido prestígio nacional e internacional: olhamos para essas obras e estamos a ver ou adivinhar um grande palco com o cenário ideal para o Zeca cantar, por exemplo, *Traz outro amigo também*, *Cantigas do maio*, *Eu vou ser como a toupeira*, *O avô cavernoso* (‘as flores de malva murcham devagar’), o *Coro da primavera* (‘Livraste do medo que bem cedo há de o sol queimar’). Ou, das *Cantigas do maio*, ‘As andorinhas não param / Umas voltam outras não’, como outras uma bela pintura independentemente de quaisquer palavras que lhe tenham servido de mote. (...)



FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO
Terra da Fraternidade –
54 recados para José Afonso

AUTOR
José Manuel Castanheira

ORGANIZAÇÃO
Assembleia da República

Edições Assembleia da República

ISBN 978-972-556-852-1

Junho 2024

www.parlamento.pt